

V Colóquio do GP Estudos sobre o teatro antigo

A NARRATIVA NO DRAMA

Data: 17 a 19 de novembro de 2014

Local: Prédio de Letras/USP, sala 261 (salvo dia 17 à tarde, sala 260).

Organização: Adriane da Silva Duarte

Programa:

Segunda-feira, 17/11

[08:30h] **Beatriz de Paoli** (UFRJ/USP-Do): "Drama e narrativa: a cena do Arauto no *Agamêmnon* de Ésquilo"

[10:00h] **Fernanda Messeder Moura** (UFRJ): *Cur me ad nefandi nuntium casus uocas?* O lugar narrativo do mensageiro em Sen. *Phae.* 1000-1114

[11:00h] **Zélia de Almeida Cardoso** (USP/Cnpq-Pq): O monólogo do espectro de Agripina na pretexto *Otávia*: narrativa e alusão

[14:00h] **Lilian Nunes da Costa** (Unicamp/Cnpq-Do): Narrativa em Plauto: paródia de épica ou tragédia?

[15:00h] **Renata Cazarini de Freitas** (USP/Capes-Me): *VIDI*: Pelos olhos da Ama de Medeia.

[16:00h] Lançamento de livros

Terça-feira, 18/11

[10:00h] **Milton Luiz Torres** (UNASP): A Narratologia e o *Alazôn* como Personagem Típico

[11:00h] **Cristina de Souza Agostini** (USJT): A verdade narrada: o *Hipólito* de Eurípedes e O Narrador de Walter Benjamin

[14:00h] **Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato** (USP/Capes-Pós-Do): *As Traquínicas* de Sófocles: narrativas sobre o poder devastador de Afrodite e Eros

[15:00h] **Clara Lacerda Crepaldi** (USP/Capes-Do): Como narrar um milagre: *Heráclidas* 784-891, de Eurípides

[16:00h] **Waldir Moreira de Sousa Jr** (USP/Fapesp-Me): O espaço narrativo do Coro na peça *As Fenícias*

Quarta-feira, 19/11

[08:30h] **Christian Werner** (USP/Cnpq-Pq): O prólogo de *Andrômaca*, de Eurípides, e a noção de unidade na performance trágica

[10:00h] **Orlando Luiz de Araújo** (UFC): Entre o Narrativo e o Dramático: Violência e Linguagem na Tragédia Grega

[11:00h] **Milena de Oliveira Faria** (USP/Fapesp-Do): A parábase enquanto estrutura narrativa e o seu papel n'*As Rãs* de Aristófanes

[20:00h] **José Eduardo Lohner** (USP): Narrativa no *Tiestes*, de Sêneca

[21:00h] **Jaa Torrano** (USP/Cnpq-Pq): *Diégesis* e *dikaion* na tragédia *As Fenícias* de Eurípides.

Resumos:

1) Agostini, Cristina de Souza (Universidade São Judas Tadeu)

Título: A verdade narrada: O *Hipólito*, de Eurípides e O Narrador, de Walter Benjamin.

Resumo: Pretendo desmembrar os principais aspectos da narrativa que o Mensageiro da tragédia euripidiana, *Hipólito*, elabora, a fim de estabelecer uma rede de significações acerca de seu papel, levando em conta a reflexão filosófica de Walter Benjamin, em seu clássico texto, O Narrador. De fato, em *Hipólito*, é por meio da narrativa do Mensageiro que o fundador mítico da democracia ateniense, Teseu, apreende que a praga que lançara contra o filho bastardo atingira-o, provocando a mutilação do corpo e, posteriormente, sua morte. Ora, também é o Mensageiro o mortal que, de modo sabiamente verdadeiro, aconselha Teseu acerca da inocência e virtude do filho bastardo, julgado injustamente pelo pai. Nesse sentido, o texto benjaminiano ao elencar a verdade, a sabedoria e a morte como elementos da narrativa, ao mesmo tempo em que

atribui ao narrador importância visceral para a constituição de um arcabouço de sentidos sempre aberto ao ouvinte, -em contraposição à informação pronta e vazia-, poderá nos auxiliar a refinar nossa interpretação sobre a função da narrativa no teatro Ático que, ao invés de usufruir da *opsis* (espetáculo), elemento dramático impermeável à germinação do pensar no espectador, constitui-se como relato sempre vivo e, portanto, continuamente procriador.

2) de Araújo, Orlando Luiz (UFC)

Título: Entre o Narrativo e o Dramático: Violência e Linguagem na Tragédia Grega

Resumo: A violência com que os vencedores tratam suas vítimas ao saquear uma cidade é surpreendente na literatura grega antiga. Na *Ilíada*, de Homero, o saque de Troia pelos gregos e a ira de Aquiles, diante do cadáver de Heitor, são exemplos contundentes da força bruta com que o melhor dos Aqueus trata o filho de Príamo. No drama ateniense, especialmente nas tragédias, também podemos encontrar o motivo da força empregada contra outrem associado à destruição de cidades e à submissão de alguém às regras do vencedor. Tais procedimentos podem ser observados nas peças *Os Persas*, de Ésquilo, *As Traquínicas*, de Sófocles, e *n'As Troianas* e em *Hécuba*, de Eurípides. De forma geral, ao terem suas cidades destruídas, os conquistados são mortos ou se tornam escravos dos seus algozes. Nas peças supracitadas, a violência não é mostrada na cena, mas representada por meio da palavra das personagens que narram o próprio sofrimento e a ação insensível do inimigo. Ésquilo, *n'Os Persas*, discute o problema da invasão Ática pelos persas e a vitória dos gregos sobre a força invasora; *N'As Traquínicas*, o principal herói da Grécia, Hércules, após saquear a cidade de Êurito, traz como prenda de guerra uma amante, Íole. Em *Hécuba* e *n'As Troianas*, Eurípides põe em cena os acontecimentos que se abatem sobre as mulheres, após o final da guerra de Troia. Na perspectiva teatral, a violência não é posta no palco, mas relatada pelas personagens que a sofreram, inter-relacionando o discurso dramático ao narrativo. Nosso objetivo é discutir a relação dialógica entre esses gêneros, bem como a figuração da violência na construção da linguagem trágica posta pelas personagens em cena. Para apoiar nossa análise, recorreremos à teoria da narratologia aplicada ao drama (GOWARD, 2004), partindo da concepção de que cada texto trágico é uma comunicação inteligível, uma narrativa que opera, evidentemente, em um nível distinto do gênero dramático, apesar de manter com este uma relação dialógica.

3) Cardoso, Zélia de Almeida (USP/CNPq-Pq)

Título: O monólogo do espectro de Agripina na pretexto *Otávia*: narrativa e alusão

Resumo: Constituindo a terceira cena do 1º episódio da pretexto *Otávia*, o monólogo de Agripina pode ser visto como uma evocação das aparições de mortos presentes na literatura clássica, principalmente na épica e na tragédia, como um exemplo de texto dramático, que possibilita diferentes posturas vocais e gestualidades performáticas, e, sobretudo, como uma narrativa embutida em um drama. Sob este último aspecto, o monólogo se presta a um exame acurado por ser, além de um relato de acontecimentos, um texto permeado por alusões, profecias e reflexões que permitem a auto-análise do personagem-narrador e o delineamento de suas características de personalidade.

4) da Costa, Lilian Nunes (Unicamp/Cnpq, doutoranda)

Título: Narrativa em Plauto: paródia de épica ou tragédia?

Resumo: Para além da *narratio* e da *antecipatio* dos prólogos, as comédias do poeta romano Tito Mácio Plauto (c. 254 – 184 a.C.) contam com diversos momentos narrativos em meio à ação propriamente dita. Tais passagens, que podem se estender por dezenas de versos, ganhando destaque na estrutura dramática de suas peças, são constituídas sobretudo por relatos daquilo que se passou fora de cena (i. e. longe das vistas das demais personagens e, logo, dos espectadores). Proferidos ora pelo típico mensageiro cômico (o *seruus currens*), ora por outros tipos de personagens que podem atuar como narradoras, esses discursos muitas vezes parodiam narrativas que ocorrem em gêneros mais “sérios”, a tragédia e a épica. Em nossa exposição, procuramos analisar alguns desses “discursos de mensageiros”, verificando até que ponto a narrativa pode ser tomada como um prolífico espaço para brincadeiras com gêneros poéticos nas obras plautinas.

5) Crepaldi, Clara Lacerda (USP/Capes, doutoranda)

Título: Como narrar um milagre: *Heráclidas* 784-891, de Eurípides

Resumo: Em *Heráclidas*, no momento em que já é clara a vitória dos atenienses sobre os argivos, um milagre (*thaûma*) acontece. O ancião Iolau, na carona do carro de Hilo, roga a Hebe e Zeus que lhe façam jovem por um dia para que ele possa cobrar justiça do seu inimigo Euristeu. Em resposta à sua prece, dois astros escondem o carro hípico em uma nuvem escura, de onde sairá o Iolau rejuvenescido que gloriosamente capturará Euristeu. Toda a cena é narrada por um mensageiro que, no entanto, avisa não ter sido

testemunha ocular de tudo o que conta. O presente artigo discute as estratégias narrativas desse relato do mensageiro.

6) Faria, Milena de Oliveira (USP/Fapesp, doutoranda)

Título: A parábase enquanto estrutura narrativa e o seu papel n' *As Rãs* de Aristófanes

7) Franciscato, Maria Cristina Rodrigues da Silva (USP/Capes, pós-doutoranda)

Título: *As Traquínias* de Sófocles: narrativas sobre o poder devastador de Afrodite e Eros

Resumo: Os protagonistas de *As Traquínias*, Dejanira e Hércules, são vítimas de Afrodite e Eros, assim como Íole, a jovem princesa da Ecália. Toda a ação se constrói em torno do poder devastador dessas divindades. Poder relatado e sublinhado por personagens da trama e presente, sobretudo, nas narrativas de Dejanira, do mensageiro, de Licas e de cantos corais. Trata-se de uma força que se manifesta como desejo veemente e doença; algo que inflama e incendeia; força bélica que ataca, vence e aniquila: poder que subjuga até os deuses. O coro, ao ficar ciente da ruína de Hércules e da desolação de Dejanira, afirma que foi “Cípris, silenciosa, que se revelou como a autora evidente dos fatos” (vv. 860-61).

8) Freitas, Renata Cazarini de (USP/Capes, mestranda)

Título: *VIDI*: Pelos olhos da Ama de Medeia.

Resumo: Na *Medeia* de Sêneca, praticamente tudo se dá em cena: o ritual mágico de preparação dos presentes envenenados para nova esposa de Jasão e o assassinato dos filhos de Medeia. Pouco é convertido em relato: um mensageiro surge no 5º ato para narrar, em versos módicos, o horror da destruição do palácio de Corinto, do rei Creonte e da filha Creúsa. Cabe, no entanto, à Ama de Medeia, no 4º ato, um relato em primeira pessoa de como a princesa bárbara cresce em furor, invoca as forças naturais e domina o preparo de poções mágicas.

Esse é um momento particularmente interessante porque uma personagem coadjuvante tem o palco para si: Medeia está ausente e a Ama reproduz em discurso direto uma invocação de sua pupila, tornando-se, assim, um duplo da protagonista – o que põe Medeia em cena mesmo quando ela não está em cena! A análise desse trecho da peça latina, versos 670 a 739, estabelece a Ama como testemunha confiável, permitindo uma leitura dramaturgicamente que a coloca como observadora constante dos acontecimentos.

09) Lohner, José Eduardo (USP)

Título: Narrativa no *Tiestes*, de Sêneca

10) Moura, Fernanda Messeder (UFRJ)

Título: *Cur me ad nefandi nuntium casus uocas?* O lugar narrativo do mensageiro em Sen. *Phae.* 1000-1114

Resumo: A narração do mensageiro acerca da morte de Hipólito compreende, na *Fedra* de Sêneca, os versos 1000 a 1114. Ocupa, assim, quase a totalidade do que costumeiramente se identifica como o quarto ato dessa tragédia (vv. 991-1122), emoldurado que é por duas odes corais. Concentrar-me-ei no lugar narrativo do mensageiro no passo supracitado, com o objetivo de examinar sua função narrativa nessa tragédia, seus recursos de narração e sua conjunção com alguns dos principais modelos literários que o precedem.

11) de Paoli, Beatriz (UFRJ/USP, doutoranda)

Título: Drama e narrativa: a cena do Arauto no *Agamêmnon* de Ésquilo

Resumo: No segundo episódio do *Agamêmnon* de Ésquilo, entra em cena o Arauto, anunciando a tomada de Troia e o iminente retorno do rei. Ainda que o Arauto seja designado como tal – isto é, como κήρυξ (*Ag.* 493), e não como “mensageiro” (ἄγγελος) –, sua fala pode ser caracterizada como uma ἀγγελία. E é justamente nas ἀγγελίαι que, na tragédia grega, o discurso propriamente narrativo pode ser mais facilmente encontrado. As narrativas do Arauto, como se verá, são analépticas por natureza, visto que se referem a acontecimentos que ocorreram e que ele vem em primeira mão relatar, mas, ao mesmo tempo, imiscuem-se nelas sinais prolépticos que prenunciam o trágico destino de Agamêmnon. Há, assim, mais de um nível de interpretação possível: o da comunicação interna, isto é, a comunicação entre os personagens, e o da comunicação externa, isto é, entre os personagens e a audiência, que conhece de antemão o futuro do rei. Essa multiplicidade interpretativa será, portanto, levada em consideração ao analisarmos essas narrativas e sua relação entre si dentro do segundo episódio e com o restante drama.

12) de Sousa Jr, Waldir Moreira (USP/Fapesp, mestrando)

Título: O espaço narrativo do Coro na peça *As Fenícias*

Resumo: A construção do coro da peça *As Fenícias* apresenta duas características marcantes: sua constituição peculiar e sua função narrativa. Formado por um exótico grupo de jovens mulheres estrangeiras, o coro se ocupa preponderantemente em narrar eventos relativos ao tempo da trama da peça bem como ao passado mítico de Tebas. Curiosamente, há uma articulação de ordem genealógica entre sua procedência e a história de Tebas: ambas remontam à família fenícia dos Agenoridas. Assim, o objetivo desta comunicação é levantar hipóteses sobre que efeitos dramáticos são produzidos na intersecção entre a constituição do coro e sua função narrativa.

13) Torrano, Jaa (USP/CNPq-Pq):

Título: *Diégesis e díkaion* na tragédia *As Fenícias* de Eurípides

Resumo: A intertextualidade de Hesíodo em Eurípides com Hesíodo nos mostra como a interlocução com o paradigma hesiódico explica e talvez justifique a associação das noções de diégesis e de díkaion na tragédia *As Fenícias* de Eurípides. Na perspectiva do pensamento mítico, a narrativa se constrói como ícone da noção mítica de justiça.

14) Torres, Milton Luiz (UNASP/USP, doutorando)

Título: A Narratologia e o *Alazôn* como Personagem Típico

Resumo: Os esforços narratológicos para fazer sentido dos assim-chamados personagens típicos do antigo drama grego dependem de uma interpretação bastante tradicional que tem por base principal as tipologias de Frye (1957) e, portanto, Aristóteles. Apesar disso, o tratamento narratológico tem o mérito de considerá-los mais como funções do que como categorias amplas e estanques, o que resolve algumas das incongruências observadas em outros modelos. Para chegar a essa conclusão, examinam-se brevemente alguns narratólogos que fizeram uso dessas categorias funcionais nos estudos clássicos, na historiografia e na análise de videogames.

15) Werner, Christian (USP/CNPq-Pq)

Título: O prólogo de *Andrômaca*, de Eurípides, e a noção de unidade na performance trágica.

Resumo: Na *Poética*, Aristóteles defende que a tragédia é a imitação de uma *praxis* que é completa e tem um certo tamanho e ordem. Entre as tragédias de Eurípides mais comumente criticadas por sua estrutura em desacordo com a recepção dos preceitos

aristotélicos estão *Andrômaca*, *Suplicantes*, *Hécuba*, *Héracles* e *Troianas*. Tentativas de resgatá-las a partir de uma suposta unidade temática, porém, podem ser problemáticas pois não só se tende a deslocar seu fundamento dramático a um segundo plano, mas também por conta das armadilhas do subjetivismo na identificação de um ou mais temas. Neste texto, pretendo revisitar a noção aristotélica de unidade, central na *Poética*, a partir da defesa de Halliwell (1986) de que se trata de uma compreensão cognitiva da ação, enfaticamente não esteticista. Num segundo momento, discutirei, na esteira de Allan (2000), formas de se definir a unidade de *Andrômaca*, em particular, a partir da relação do prólogo com o restante do drama, já que este parece criar um foco – Andrômaca – que é deslocado mais tarde, exemplificando o que Heath (1989) chamou de “foco móvel”.